

Barbara Hlibowicka-Weglarz

A originalidade do emprego do futuro do indicativo na língua portuguesa

1. A maior parte de linguístas, ao analisarem o futuro românico, chamam a atenção para o grande uso modal deste tempo gramatical. Tendo em conta o carácter subjectivo do futuro, Paiva Boléo (1974) chama este tempo "tempo-modo"¹. Da subjectividade do futuro, em oposição ao passado - tempo objectivo, já falou, em 1921, Vendryes na sua obra *Le Langage*². O autor diz: "Quand nous exprimons l'idée qu'une action se produira à tel moment de l'avenir, ce n'est généralement pas à la considération objective de l'accomplissement de l'action que s'arrête notre pensée; presque toujours nous indiquons en même temps les dispositions dans lesquelles nous nous trouvons actuellement par rapport à cette action future. (...) Le futur s'accompagne de tous les mystères de l'éventualité, et il laisse place à mille sentiments d'attente, de désir, de crainte, d'espérance"³. Na realidade, muito mais frequentes que o valor temporal do futuro são os seus usos modais, isto é usos em que não se trata de situar um acontecimento linguístico em determinado ponto da linha do tempo, mas de exprimir as disposições íntimas do indivíduo que fala⁴. O emprego modal do futuro português explica-se pela própria natureza do futuro que descreve os processos que ainda não se realizaram, nem

¹ Paiva Boléo, "Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português", In: *Biblos, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, vol. XLI, Coimbra 1974, s. 108.

² J. Vendryes, *Le langage. Introduction historique à l'histoire*, Paris 1921. O autor chama o futuro um tempo *éminement subjectif*.

³ *Ibidem*.

⁴ Segundo os gramáticos gregos o modo serve para exprimir a "diatese" da alma.

se realizam, assim como pela sua origem latina⁵. Embora a análise detalhada dos valores modais não constitua um objectivo do nosso estudo, sendo os valores temporais-aspectuais o seu tema principal, decidimos enumerá-las, neste parágrafo, devido à extrema importância dos usos modais do futuro na língua portuguesa.

Assim, entre os numerosos usos modais do futuro do indicativo podemos citar os seguintes:

- um futuro chamado "aproximativo" - o falante pretende que um acontecimento linguístico lhe seja referido apenas aproximadamente, como por exemplo: *Que horas serão agora?*

- um futuro chamado "concessivo" - o falante não concorda mas concede, embora não esteja convencido da situação, como em: *Será como dizes.*

- um futuro de dúvida, chamado "dubitativo" - o falante exprime um sentimento de dúvida, de incerteza em relação a factos descritos, como em: *Ele terá mesmo dois carros?* (em vez de: *tem talvez*)

- um futuro que assume uma função de enfimismo, da afirmação atenuada, como por exemplo em: *Quem está aqui? Será um ladrão?*

- um futuro "intimativo" ou de obrigação moral, que equivale a um imperativo, por exemplo: *Tu não fardas, não dirás tal coisa.* (em vez de: *não faças! não digas!*).

- um futuro de "enfado" ou "desdém", como num trecho de diálogo: *- O Sr. José. - Dirá. - Venho aqui saber dum caso. (a forma dirá em vez de: diga lá, queira saber ou do mais polido faça favor de dizer).*

Em todos os casos citados o futuro do indicativo não exprime

⁵ Como nos diz Paiva Boléo, "Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo", In: *Boletim de Filologia*, vol. III, fasc. 1-2, s. 33, a história da formação do futuro românico mostra que ele tem uma origem modal. O autor explica que "o futuro em -bo não desapareceu apenas devido ao betacismo (concordância de *ambiti* e de *amavi*) e à fácil confusão com o imperfeito (*ambati*), dada a tendência geral para a pronúncia descurada das sílabas finais átonas. Esta causa de ordem fonética (...) desempenhou um papel importante, mas não foi a principal. Esta deve ir buscar-se à necessidade de criar formas mais expressivas, mais energicas; daí a perifrase *cantare habeo*, que é, na origem, um presente-futuro ou futuro próximo, com a significação de "tenho de cantar", "devo cantar"".

os processos futuros, mas a modalidade, isto é uma determinada atitude do falante face aos acontecimentos linguísticos descritos pelo verbo. O facto dos usos modais do futuro serem tão característicos deste tempo gramatical e tão frequentes explica a nossa decisão de lhes dedicar um certo espaço no presente estudo. No entanto, deixamos de parte os usos modais do futuro e passamos aos seus empregos temporais, muito mais objectivos, que situam os processos descritos na linha do tempo como posteriores ao momento da enunciação T^o.

2. Ao analisarmos os valores temporais do futuro do indicativo, a primeira observação a fazer é que o futuro como tempo verbal tem um emprego bastante restrito, sobretudo na língua falada. Segundo a opinião de P. Boléo: "... há até povoações em que o futuro, com essa função (função temporal), desapareceu quase por completo do uso corrente, sendo substituído pelo presente do indicativo ou por perifrases verbais"⁶. P. Boléo cita vários linguistas que, ao estudarem o futuro português, confirmam a sua constatação que este tempo é quase "banido do uso"⁷. C. Cunha, L. Cintra (1984) sublinham, da sua parte, que na língua falada o futuro do indicativo: "é de emprego relativamente raro"⁸. O facto do futuro ter empregos bastante restritos, não quer dizer que não seja usado sobretudo na língua escrita, como também na falada. P. Boléo chama a atenção para os aspectos sociolinguísticos do emprego do futuro que varia por vezes conforme a idade do falante e segundo camadas sociais.

Depois de fazer estas observações de carácter geral, comecemos por exemplificar os usos, ditos temporais do futuro do indicativo, nos quais este tempo verbal indica os processos futuros, isto é, posteriores em relação a T^o.

⁶ Paiva Boléo (*op. cit.*: 95)

⁷ M. A. Lima, "Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do conselho", In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XII, s. 122.

⁸ Celso Cunha, Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa 1984, s. 458.

1. Perderam aquele barco, mas *irão* noutro - noutro maior, porque aquele é bem acanhado para o tamanho dos seus sonhos. (ARG: 142)
2. Nem para os rabezanos contratados ao ano *haverá* trabalho. (ARG: 165)
3. Os homens vão leves, que a Vila lhes promete vinho e *afogarão* tormentos e *ganharão* alegrias falsas. (ARG: 165)
4. Quando o boquete encher dez carros, *voarão* aos seus lugares. (ARG: 129)

Em todos os exemplos citados o valor temporal é de posterioridade em relação a T^o. Em (1) - (3) o valor aspectual é perfectivo também em relação a T^o, o que se pode apresentar do seguinte modo:

em (1):

T ^o	T2
----- -----)	----- -----)
<i>irão</i>	<i>noutro barco</i>

Os processos descritos em (1) - (3) são perspectivados globalmente, a partir do localizador aspectual T^o, que lhes é exterior. Em (4) a situação é diferente. O processo expresso pelo futuro (*voarão*) é posterior em relação a T^o que funciona como localizador temporal; mas o referido processo é construído como estando em curso em relação a T3 (*quando o boquete encher dez carros*) que funciona, neste enunciado, como localizador aspectual. Sendo assim, podemos apresentar a situação descrita em (4) da seguinte maneira:

T2

T ^o	T3
----- -----)	----- -----)
em (4):	<i>quando o boquete encher dez carros</i>

Como o T3 funciona como localizador aspectual do enunciado, perspectivava-o do seu interior, sendo um dos pontos do intervalo associado a um processo descrito. Esta perspetivação corresponde a um valor aspectual imperfectivo.

3. Como já tivemos a oportunidade de mencionar, a língua portuguesa prefere, na língua falada, substituir o futuro do indicativo por construções perifrásticas com os verbos auxiliares *ir* (*vou cantar*) e *haver* (*hei-de cantar*). Vejam-se alguns desses casos:

5. *Vai chover*. Quando?!... Já amanhã?!... (ARG: 93)
6. Ambos querem viver e por isso *vão partir*. (ARG: 142)
7. As gargalhadas dos homens que *vão receber* o prémio de vinho assemelham-se ao coaxar das rãs na vala, lá em cima, onde quatro alugados tremelicam sezões. (ARG: 142)
8. *Há-de haver* recepções nos vários portos por onde vamos passar e *hei-de tirar* muitas fotografias. (PSF2: 94)
9. Fica só com os seus pensamentos - uma noite também *há-de ter* mulher que saía com ele. (ARG: 48)
10. *Há-de se fazer* por isso, patrão - grita-lhe o arrais, de vara fincada no ombro e no valado, andando pela borda da fragata, de corpo lançado à frente. (ARG: 141)

Se nós quisermos comparar o futuro sintético e o futuro perifrástico em português, verificamos que estas formas não são de perfeita equivalência, como sugerem alguns dos autores. Enquanto na maioria

dos casos podemos substituir as formas perifrásticas pelas formas sintéticas, há também casos em que uma tal substituição é impossível, sem modificar o significado de todo o enunciado. Isto quer dizer que há casos em que o futuro perifrástico difere do futuro simples no emprego e no significado. Repare-se que em (5) - (7) é possível substituir as formas perifrásticas pelas formas sintéticas, sem diferença alguma de significado. O mesmo não se pode fazer em (8) - (10), porque algumas das formas com o auxiliar *haver* introduzem a todo o enunciado certas características modais, e exprimem sobretudo as intenções de realizar os processos futuros. Em (8) é possível substituir as formas perifrásticas do futuro pelas formas do futuro sintético. Ao contrário, em (9), a perífrase com *haver* (*há-de ter mulher*) exprime a incerteza do falante de que a situação referida acontecerá, e pode ser interpretada como: *talvez tenha mulher*. Também em (10), o futuro perifrástico *há-de se fazer* exprime adicionalmente o sentido modal de obrigação face ao processo representado por *fazer*. Até o contexto que segue (... *gríia-lhe o arrais* ...) sublinha o referido valor modal da construção perifrástica.

4. Para sistematizar todas as observações que acabámos de fazer acerca do futuro do indicativo, pode-se afirmar que:

- de ponto de vista estilístico: O futuro sintético é preferível na língua escrita, sendo substituído, na língua falada, pelo presente do indicativo ou pelas perífrases verbais com os auxiliares *ir* e *haver*. O futuro perifrástico é utilizado com muita frequência na língua falada, corrente e na língua popular, assim, como na língua escrita, nos textos literários. Em relação ao futuro sintético o futuro analítico é de uso muito mais vasto.

- de ponto de vista modal: Além dos valores estritamente temporais, o futuro sintético caracteriza-se por numerosos usos modais, devido aos quais ganhou a denominação de "tempo-modo". Dentre as formas do futuro perifrástico destacam-se as formas com o auxiliar *haver* que exprimem "maior dose de modalidade e de afectividade"⁹, em relação

⁹ Boléo (*op. cit.*: 105)

às formas do futuro perifrástico com o auxiliar *ir* que se mantêm modalmente neutras.

- de ponto de vista temporal: Todas as formas acima mencionadas situam os processos que descrevem como posteriores ao momento da enunciação T^o. As formas perifrásticas com o auxiliar *ir* podem ser perfeitamente substituídas pelas formas sintéticas, embora as analíticas exprimam um futuro mais próximo.

- de ponto de vista aspectual: Enquanto o futuro sintético, conforme o contexto, pode exprimir o valor aspectual perfectivo ou imperfectivo; o futuro perifrástico com *ir* ou *haver* exprime o valor perfectivo em relação a T^o.

5. Retomemos agora as nossas observações sobre os valores temporais, aspectuais e modais do futuro do indicativo na análise dum fragmento do romance de Alves Redol *Gaibéus*. Nos enunciados que se seguem, o autor empregou, para indicar os processos futuros, as diferentes formas perifrásticas e as formas sintéticas. No texto citado tentaremos explicar em que consistem diferenças no emprego e no significado de cada uma dessas formas:

11. E depois não os vê. Para onde foram?!

Mas *há-de apanhá-los*, tem a certeza, pensa que vão a fugir para a deixarem só, mas ela *vai passá-los* ainda, e então *lhes fará ver* quem sabe ceifar à carreira. Arrependem-se do que *lhe fizeram*, pensa a velha. E quando *lhe pedirem* que espere *há-de desprezá-los*.

Pela lezíria fora *ficará* uma estrada larga, aberta pela sua foice, por onde os outros *correrão* a chamá-la. (ARG: 86)

Para podermos comentar o emprego de diferentes formas gramaticais do futuro no texto citado, é preciso situar o fragmento acima mencionado no contexto mais largo do romance. O texto apresenta os pensamentos de Maria do Rosário, uma velha gaibéua, que não conseguindo ceifar com os outros, mais novos, ficou para trás a cortar o arroz com a sua foice. Ela sabia muitíssimo bem que o

trabalho dava para o comer e, por isso, não podia aceitar a sua falta de energia que impedia a continuação do trabalho. Por outro lado, a velha tinha também inveja aos seus camaradas que se afastaram tanto dela e que a deixaram sozinha.

Volemos agora ao uso e ao significado das formas do futuro. A forma do futuro perifrástico com *ir* (*vai passá-los*) exprime, sem dúvida, um futuro mais próximo em relação a todas as formas de futuro sintético que se seguem: *fará ver, ficará, correrão*. Reparem também que no texto citado, além dos pensamentos da velha, sentimos a intervenção do narrador que tenta participar neles, sem algum comentário. O que prova a existência do narrador no texto são as palavras incisivas, como: *há-de apanhá-los, tem a certeza, pensa ...; arrependem-se do que fizeram, pensa a velha; assim como o emprego no fragmento citado do pronome pessoal de terceira pessoa ela ou a (correrão a chaná-la)*. Se o texto acima apresentasse só os pensamentos verbalizados da velha gaibéua, as formas mencionadas não apareciam. Assim, vimos que as formas do futuro sintético pertencem a linguagem do narrador, e não à linguagem da gaibéua. Maria do Rosário, uma pessoa simples do povo, não emprega as formas sintéticas, mas as formas do futuro perifrástico com o auxiliar *haver*. Ela diz: *há-de apanhá-los, há-de desprezá-los*. Empregando estas formas do futuro, ela quer exprimir a sua vontade para realizar os processos indicados pelos verbos: *apanhar* e *desprezar*, até sentimos o carácter obrigatório da realização destes processos. As formas citadas, além das características temporais, ganham também algumas características modais. Aspectualmente, todas as formas citadas do futuro exprimem a perfectividade em relação ao momento da enunciação T^o.

A análise do exemplo (11) parece confirmar as observações feitas acerca dos valores temporais, aspectuais, modais e até, sobre as diferenças estilísticas das formas sintéticas e perifrásticas do futuro em português.

Abreviações utilizadas: ARG: Alves Redol, *Gaibéus*, Publicações Europa-América, Lisboa 1978. PSF2: Isabel Coimbra Leite, Olga Mata Coimbra, *Português sem Fronteiras*, vol. II, Lidel, Lisboa 1990.

Marek Kęsik

Cataphore, impersonnel et présupposition existentielle

La notion de présupposition, qu'Oswald Ducrot a introduite dans la linguistique française en 1968, connaît un succès croissant, aussi bien dans la théorie que dans l'enseignement: actuellement elle apparaît même dans des ouvrages d'initiation à la linguistique et de vulgarisation. Après avoir lu *Dire et ne pas dire* et assisté, pendant trois mois, au séminaire d'Oswald Ducrot à l'E.H.E.S.S. (novembre 1975 – janvier 1976), j'ai rédigé un petit article où j'ai résolu, en employant la distinction *posé/préposé*, un de mes problèmes de langue, typique pour un Polonais francophone: celui de la différence entre *quelques* et *plusieurs*¹.

Travaillant actuellement sur la cataphore, j'ai retrouvé à nouveau la présupposition mais, cette fois, au lieu de permettre la solution d'un problème pratique, elle pose un problème théorique. Parmi les contextes avec lesquels la description définie est incompatible, on cite l'impersonnel, cf. **Il est arrivé les trains*. Cependant, lorsque le groupe nominal avec *le* a le caractère cataphorique, lorsque l'identification de son référent nécessite la prise en compte d'une relation de coréférence avec le contexte postérieur, l'impersonnel devient possible. A part ce trait syntaxique, les expressions cataphoriques avec *le* se distinguent par les problèmes qu'elles posent lors du déstaging de la présupposition existentielle.

La spécificité de l'impersonnel apparaît, paradoxalement, le mieux lorsqu'il n'est pas assisté du préterendu „sujet apparent” *il*:

¹ Il s'agit de l'article „*Quelques* vs. *Plusieurs*”, publié dans les *Actes de la 1^{re} conférence des linguistes romansants polonais*, Éditions de l'Université de Varsovie 1980, pp. 59 – 64.